

ARTIGO

PARANÃ (TO): UMA CIDADE FRONTEIRA NOS CAMINHOS
FLUVIAIS DO CERRADO

A cidade aparece como um todo no qual nenhum desejo é desperdiçado e do qual você faz parte, e, uma vez que aqui se goza tudo o que não se goza em outros lugares, não resta nada além de residir nesse desejo e se satisfazer.

Ítalo Calvino

Resumo

Esta comunicação tem como objetivo discorrer sobre a cidade de Paranã (antiga São João da Palma), município brasileiro do Estado do Tocantins, localizada na confluência dos rios Palma e Paranã, dois importantes afluentes do rio Tocantins. A cidade tem suas origens no século XVIII, tendo como fator de seu desenvolvimento a estreita ligação com os rios, por meio do transporte fluvial em comércio com Belém do Pará. O conjunto arquitetônico da cidade, construído no século XIX, embora bastante simples, guarda características originais. Dentre as práticas culturais, destacamos os festejos a São João Batista e ao Divino Espírito Santo realizados com muita devoção, rezas e folias, além da especial procissão fluvial. Neste sentido, a cidade de Paranã pode ser vista como um lugar de identidades, fronteiras, memórias e poder.

Palavras-Chave:

Paraná. Rios. Cidade. Fronteira. Cerrado.

Abstract

This communication aims to analyze the city of Paranã (formerly São João da Palma), in the State of Tocantins, located on the confluence of Palma and Paranã rivers, two major tributaries of the Tocantins river. The city has its origins in the eighteenth century and its development was especially due to the close connection between the city and the rivers, through the trades made with Belém do Pará by river transport. The city architecture, which was built in the nineteenth century, despite being quite simple and requiring preservation, maintains its original features such as mud brickwalls, floor boards and large wooden doors and windows. Among cultural practices, we highlight the St. John the Baptist and the Holy Spirit festivities performed with great devotion, prayers and revelry, besides the special river cortege. In this sense, the city of Paranã can be seen as a place of identities, borders, memories and power.

Key Words:

Paraná. Rivers. City. Borders. Cerrado.

* Professora no campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Membro no Programa de Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER). Doutora em História (UFG). E-mail: proffatima@hotmail.com

Introdução

Ao longo da história as cidades têm assumido diferentes sentidos, finalidades e discursos. São vistas como espaços de agrupamento, segurança, civilização, mas também de desigualdades, conflitos, violências e contradições. A cidade pode, portanto, ser observada sob diversos ângulos e abordagens teóricas, dependendo tanto do olhar como dos diversos vestígios encontrados, que reconstituirão parte de sua história, demarcando suas peculiaridades, ou seja, ressaltando o que cada cidade tem de singular.

Ulpiano Meneses (1996), em seu texto *Morfologia das Cidades Brasileiras*, afirma que a cidade é um complexo de fenômenos diversificados e de articulações multiformes e que

[...] ao invés de tomarmos a cidade como uma categoria estável e universal, de que se pudessem apresentar apenas variações ao longo do tempo, convém aceitarmos a necessidade indispensável de historicizar a cidade como ser social. Historicizá-la é defini-la e explorá-la levando em conta sua prática e representações pela própria sociedade que a institui e a transforma continuamente (MENESES, 1996, p. 147).

A cidade de Paranã, situada no extremo sul do Estado do Tocantins, está localizada na confluência dos rios Palma e Paranã, afluentes do rio Tocantins e distante 350km da capital do Estado, Palmas. Com suas origens no século XVIII, a antiga São João da Palma, hoje Paranã, foi sede da Comarca do Norte e importante polo na luta separatista do Norte de Goiás¹, tornando-se sede do Governo Provisório do Norte, de certo modo, a primeira capital do Tocantins.

Sua história está intimamente ligada aos rios que a cercam. Numa região em que a via de comunicação ferroviária não existia e a rodoviária só foi acessível depois da metade do século XX, os rios foram de fundamental importância como meio de comunicação. Na confluência dos dois rios, onde está localizada a cidade, o rio Palma deságua no rio Paranã, que segue com esta denominação até se encontrar com o rio Maranhão, formando assim o rio Tocantins.

O rio Tocantins² é por natureza uma fronteira geográfica, mas é também fronteira econômica, cultural e simbólica. É visto como barreira, mas também como via de contato, integrador de regiões e pessoas, espaço das relações sociais e de identidades culturais. Do mesmo modo que o rio, também a cidade de Paranã pode ser vista como uma fronteira numa perspectiva humanizadora, como a de Bertha

1 O Movimento Separatista do Norte de Goiás, cujas primeiras manifestações de oposição entre norte e sul datam do século XVIII contra a determinação de um imposto mais elevado para as minas localizadas na região Norte, tornou-se vitorioso em 1988 com a criação do Estado do Tocantins.

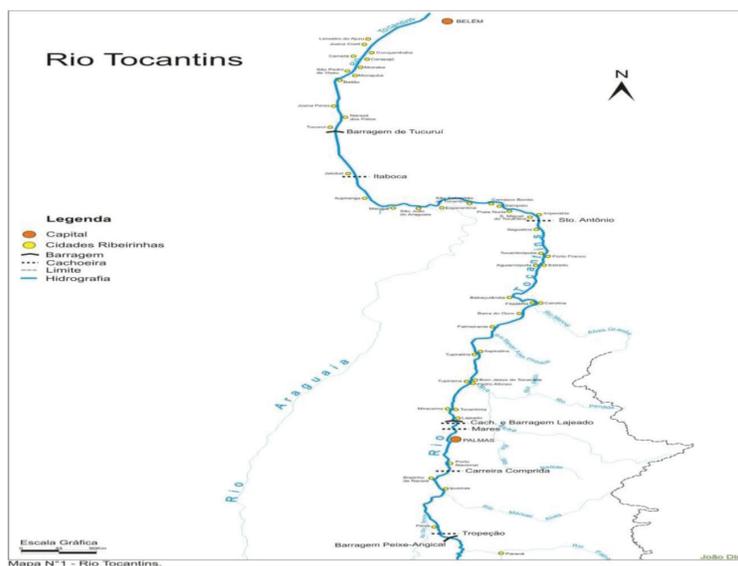
2 O Mapa nº. 1 – *Rio Tocantins* – permite visualizar alguns aspectos que são analisados no texto e a cidade de Paranã ao sul.

Becker, que a vê como elemento constitutivo da sociedade, pois “a fronteira não é um espaço independente nem estranho à sociedade e ao espaço nacional – ela é deles parte integrante e influi fortemente na sua construção [...] é mito e realidade; sonho e frustração; crescimento e sofrimento” (BECKER, 1988, Prefácio).

Ainda sobre a fronteira, José de Souza Martins afirma que

[...] a fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem. E sobretudo, fronteira do humano [...] se entendermos que a fronteira tem dois lados e não um só, o suposto lado da civilização; se entendermos que ela tem o lado de cá e o lado de lá, fica mais fácil e mais abrangente estudar a fronteira como concepção de fronteira do humano (MARTINS, 1997, p. 13 e 162).

Podemos pensar a fronteira também numa concepção que valoriza as práticas e representações culturais em diferentes temporalidades e as experiências vividas concretamente; fronteira como resultado de práticas sociais, espaço, por excelência, das migrações; fronteira em diversos sentidos e em temporalidades diversas, pois as fronteiras do início da ocupação da região não são mais as mesmas do final do século XX; à medida que o homem vai se integrando e interagindo com o novo espaço e com o outro, acontece uma transformação, a fronteira vai se tornando mais fluida e uma nova identidade vai se construindo (OLIVEIRA, 2010, p. 17). Daí podermos olhar a cidade de Paranã como uma cidade fronteiriça.



A região na qual a cidade de Paranã está inserida possui algumas especificidades. Ela não pertence completamente ao sertão³, nem tampouco ao litoral, ela é na verdade a ligação entre ambos. E essa ligação é feita por meio de um caminho aquoso que é o rio Tocantins. A categoria sertão, muito discutida entre pensadores das ciências humanas, principalmente entre os antropólogos e historiadores, remete à ideia de isolamento, ermo, fim de mundo. Mas o *sertão aceita todos os nomes*, não existe apenas um; na realidade os sertões são múltiplos e múltiplas são suas interpretações. Basta lembrar-se de obras já consagradas, no Brasil, sobre sertão, citando apenas alguns de seus autores: Euclides da Cunha, Afonso E. Taunay, Afonso Arinos, Guimarães Rosa, Hugo de Carvalho Ramos. Além das obras desses grandes escritores, o fluxo de publicações sobre o tema é contínuo, ora resultante de congressos, ora de homenagem a datas comemorativas, como a recente coletânea *O Clarim e a Oração: cem anos de Os Sertões*⁴. Dela faz parte o texto do goiano Gilberto Mendonça Teles, intitulado *O lu(g)ar dos Sertões*, no qual analisa desde a etimologia às diversas interpretações atribuídas ao termo ao longo dos séculos. Segundo ele,

A palavra sertão tem servido, em Portugal e no Brasil, para designar o ‘incerto’, o ‘desconhecido’, o ‘longínquo’, o ‘interior’, o ‘inculto’ (terras não cultivadas e gente grosseira), numa perspectiva de oposição ao ponto de vista do observador, que se vê sempre no ‘certo’, no ‘conhecido’, no ‘próximo’, no ‘litoral’, no ‘culto’, isto é, num lugar privilegiado – na civilização. É uma dessas palavras que traz em si, por dentro e por fora, as marcas do processo colonizador (TELES, 2002, p. 263).

Em meio à discussão geral que envolve o termo sertão, é importante perceber que mudanças foram se processando nas formas de vê-lo e descrevê-lo. Se nos primeiros séculos da colonização a imagem do sertão era a do observador “de fora”, do litoral, com a efetiva ocupação, indo sertão adentro, vai ocorrendo também uma mudança na forma de ver, sentir e, conseqüentemente, de descrevê-lo. Teles comenta sobre esse olhar “de dentro” em que o sertão é visto como quieto, sossegado e próximo. No século XVIII, quando se vai consolidando a ocupação humana do interior do Brasil [...], o sentido de sertão adquire conotações mais concretas, sendo agora visto

3 A categoria sertão foi consolidada no Brasil por autores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Euclides da Cunha, e tem como alguns de seus representantes, em Goiás, os escritores Bernardo Élis e Hugo de Carvalho Ramos. Seu sentido é geralmente empregado evocando significados diversos, como: ermos hostis e agrestes, isolamento, deserto, grandes distâncias, obstáculos às comunicações, imensas vastidões desabitadas. Para a região enfocada nesta pesquisa, essas características se aplicam parcialmente, como bem mostra frei Audrin (1963) ao tratar do modo de vida do sertanejo, em que sertão está também ligado à ideia de um ritmo lento, onde a “aceleração” do tempo ainda não atingiu as pessoas e os acontecimentos.

4 Obra organizada por Rinaldo de Fernandes (2002), na qual reúne visões de críticos literários, jornalistas, poetas, sociólogos e historiadores.

de fora e de dentro. Vira contexto e circunstância e deixa de ser um lugar longínquo (TELES, 2002, p. 278).

Na interpretação da antropóloga Selma Sena, fica evidente a relação entre sertão e identidade. Após ressaltar seus diversos significados desde a época das grandes navegações e do período de conquista do interior do território brasileiro, segundo ela, a ideia de sertão vai passando, de distante e vazio, a uma dimensão positiva de vazio a ser conquistado e ocupado, referindo-se à grandeza do patrimônio geográfico. A autora acrescenta que,

Como mito de origem da nação brasileira e dos goianos, o termo sertão condensa diversos significados; um amálgama de imagens, experiências e sentimentos. Simultaneamente descrito como um espaço geográfico, como uma temporalidade, como uma forma de organização social e como um conjunto de características culturais, o sertão é, ao mesmo tempo, singular e plural... É esse material simbólico que, recozido, constitui a matéria-prima de que são feitas as diferenciações regionais, isto é, as identidades regionais (SENA, 2002, p. 85).

Mas, para a região onde se situa a cidade de Paranã, não há conceito de sertão mais adequado que o do dominicano francês José Maria Audrin⁵ (1963). Embora um pouco idílica, é autêntica sua explicação para o sertão do vale do rio Tocantins, na primeira metade do século XX. Segundo ele, é preciso esclarecer que os sertanejos do antigo norte de Goiás não são como os nordestinos descritos, por exemplo, por Euclides da Cunha. Audrin nos apresenta um tipo diferente de sertanejo, o sertanejo ribeirinho, descrevendo em detalhes os costumes desses moradores, a quem denominou de *Os Sertanejos que eu conheci*. Para finalizar esta discussão, segue a descrição sobre os sertanejos dos quais ele está falando e, por extensão, o significado de sertão:

Os sertanejos a que nos referimos e que chamamos ‘nossos’ não são os sertanejos em geral, e sim aqueles que vivem nas zonas centrais, tão mal conhecidas, banhadas pelos Rios Tocantins, Araguaia, Xingu e seus numerosos afluentes. [...] Se não podemos dizer nada de certo de muitos sertanejos do Brasil, estamos em condição de afirmar que os sertanejos que chamamos ‘nossos’, não vegetam em recantos desolados, onde crescem apenas mandacarus, rasga-gibões e xique-xiques. Não são vítimas de secas periódicas que aniquilam criações, inutilizam lavouras e obrigam-nos a expatriar-se à procura do ‘Inferno Verde’. [...] Nada lhes falta quando podem e querem trabalhar. Naquelas terras devolutas onde moram, ninguém vai disputar-lhes o pedaço de chão que escolheram levantar a sua choupana, ou vedar-lhes a orla de mata para organizar as suas lavouras. São livres; vivem e pelejam num país de florestas, de verdes campinas e várzeas, onde correm águas permanentes, onde o solo é rico e fartas as pastagens, onde nunca faltam caças nas matas,

5 José Maria Audrin viveu na região por décadas em convivência direta com os ribeirinhos. Publicou dois livros, nos quais relata suas experiências e visão sobre a região e moradores.

onde rios e lagos são piscosos. [...] Admiremo-los como os pioneiros silenciosos, mas teimosos da verdadeira 'marcha para o oeste' (AUDRIN, 1963, p. 8-9).

A cidade de Paranã, que faz parte desse espaço geográfico que é o bioma cerrado, e chamado de sertão por historiadores, geógrafos, antropólogos, entre outros, tem suas origens no século XVIII em decorrência da *corrida* do ouro na região. Paranã faz parte da região onde surgiram importantes núcleos auríferos como Arraias, Natividade, Bom Jesus do Pontal, Monte do Carmo e sua vizinha mais próxima, a cidade de Conceição (TO). Do mesmo modo que ocorreu com Porto Nacional, cidade ribeirinha um pouco mais ao norte, após o esgotamento do minério na região, Paranã também apresentou melhor desenvolvimento que as demais devido à sua posição estratégica na beira de rios navegáveis.

De acordo com Borges e Palacin (s/d), a fundação da cidade aconteceu por volta de 1740 e seu tardio desenvolvimento se justificava pelo povoamento esparsos com fazendas dispersas, por ser zona endêmica de malária e aos constantes ataques indígenas. Segundo os autores, um ataque dos índios em 1783 teria destruído a cidade, que só seria reconstruída em 1815 pelos esforços do ouvidor Theotônio Segurado. Nessa data o povoado de São João da Palma passou à categoria de vila e sede da Comarca do Norte, o que deu impulso à luta separatista. A sede da nova comarca seria construída na confluência dos rios Tocantins e Itacaúnas, no Pará. Entretanto, o desembargador Joaquim Teothônio Segurado mostrou as dificuldades que poderiam advir da localização muito distante dos julgados a ela subordinados. Seguindo o conselho de Segurado, o príncipe regente baixou, em 25 de fevereiro de 1814, um alvará determinando que a sede fosse construída em local mais central. O local escolhido pelo desembargador foi a barra do rio Palma, onde fica hoje a cidade de Paranã. Com a criação do Estado do Tocantins em 1988, a nova capital resgata o antigo nome da vila de Palma.

A cidade de Paranã⁶ possui atualmente, segundo o IBGE uma população estimada

6 Sobre as origens de Paranã, sabe-se que surgiu no século XVIII em decorrência da busca de ouro na região, sendo Conceição o povoado aurífero vizinho mais próximo. Do mesmo modo que ocorreu com Porto Nacional, cidade ribeirinha um pouco mais ao norte, após o esgotamento do minério na região, a cidade teve melhor desenvolvimento devido à sua posição estratégica na beira de um rio navegável. Em 1815 o povoado passou à categoria de vila e em 05 de outubro de 1857 foi elevada à condição de cidade. Foi sede da Comarca do Norte, criada em 1809 e que deu impulso à luta separatista, sendo em seguida sede do Governo Provisório do Norte. A sede da nova comarca seria construída na confluência dos rios Tocantins e Itacaúnas, no Pará. Entretanto, o desembargador Joaquim Teothônio Segurado mostrou as dificuldades que poderiam advir da localização muito distante dos julgados a ela subordinados. Seguindo o conselho de Segurado, o príncipe regente baixou em 25 de fevereiro de 1814, um alvará determinando que a sede fosse construída em local mais central. O local escolhido pelo desembargador foi a barra do rio Palma, onde fica hoje a cidade de Paranã. Com a criação do Estado do Tocantins em 1988, a nova capital resgata o antigo nome da vila de Palma.

(2014) de 10.579 habitantes. Por não ter sido uma cidade nascida diretamente ligada à exploração de ouro, os documentos sobre Paranã são mais escassos que os referentes aos núcleos mineratórios da mesma região no século XVIII. Mesmo assim, algumas descrições são encontradas, como por exemplo, o anuário publicado por Azevedo em 1910. Segundo Azevedo (1910):

A Palma foi criada vila por Alvará de 25 de janeiro de 1814 em obsequio a El Rei D. João VI; e mais tarde deu-se o título de Marquês de São João da Palma ao governador e capitão general D. Francisco de Assis Mascarenhas. A sua igreja, que foi capela mor de um templo que os jesuítas erigiram no século XVIII, consagrado a São Félix de Cantalício, perdeu o nome deste santo para tomar a invocação de São João Batista. A instalação da vila teve lugar a 27 de outubro de 1815. Foi elevada a cidade pela lei provincial de 5 de outubro de 1857 (AZEVEDO, 1910, p. 183/184).

Mais adiante o autor acrescenta que “a cidade está situada na confluência dos rios Paranã e Palma, os quais se unem e deságuam no Tocantins”. Embora afirme que o lugar é agradável, faz uma ressalva quanto ao clima, que segundo ele “é insalubre e prejudicial à raça branca, não havendo organização por mais robusta que seja que possa resistir à influência dissolvente de um tal clima” (AZEVEDO, 1910, p. 184). Reforça ainda o fato de que a cidade esteja “edificada em uma península que contém muitos pântanos que exalam miasmas mefíticos” e que a água preferida pelos moradores é a do rio da Palma, pois a do outro rio, o Paranã, é ligeiramente salobra. Sobre as características da cidade, afirma que

Tem a cidade mais de 150 casas de telha, algumas espaçosas e bem construídas e talvez 60 cobertas de palha; as ruas travessas Cantagalo, Comércio, Praça Flores, 1º de junho, Pontal, Cemitério e Campo Santo e as praças da Matriz e da Imperatriz. Suas ruas são bem alinhadas principalmente a que partindo do largo da Matriz fraldeia a margem do Paranã. A sua igreja é feita de adobes e foi construída à custa dos feis. Tem também um cemitério e a casa do conselho com cinco janelas e um grande salão com as necessárias acomodações para o funcionamento do tribunal do júri (AZEVEDO, 1910, p. 184, 185).

Azevedo finaliza dizendo que o comércio da cidade na época era mais ativo a partir do mês de janeiro, em busca de mercadorias importadas de Belém do Pará, como o sal e fazendas, em troca dos produtos locais, como o couro, que eram exportados em botes para o Pará por meio da navegação do rio Tocantins.

Na década de 1930 o brigadeiro Lysias Rodrigues, em serviço de levantamento e demarcação de campos de pousos na rota do rio Tocantins, visitou a cidade e deixou o seguinte relato sobre a cidade:

Localizada na ponta de terra onde se verifica a confluência do rio Paranã com o rio Palma, vê-se o terreno estender-se pela planície afora, coberta de mato, abrindo-lhe possibilidades enormes de desenvolvimento. A cidade é constituída por meia dúzia de ruas pequenas,

de casas de alvenaria de tijolos, esparsas entre vastos quintais de árvores frutíferas, principalmente mangueiras, abacateiros e jaqueiras. Casas pequenas, acachapadas e velhas. Dão um aspecto tristonho ao conjunto, onde nem um só telhado novo se via. Não tem luz, nem esgoto, nem água e o rio Paranã serve para tudo, banho e pescaria inclusive (RODRIGUES, 2001, p. 81).

Rodrigues ressalta ainda que a região onde estava localizada a cidade de Paranã (antiga Palma) era uma “terra ótima, bem irrigada, a que cerca Palma, já foi zona intensa de criação de gado, e hoje, espera apenas que rodovias lhe abram a porta das imensas possibilidades de que é dotada” (RODRIGUES, 2001, p. 125).

Como visto, o desenvolvimento de Paranã a partir do século XIX está diretamente ligado à atividade da navegação que interligava os povoados do Alto Tocantins com a capital do Pará no litoral norte devido à sua posição estratégica, banhada por dois rios que funcionaram como caminhos, por meio da navegação. Esses rios tinham também outros usos, tanto práticos como simbólicos. A rotina dos moradores da cidade de Paranã no desempenho de suas atividades diárias de trabalho, higiene, diversão e nas últimas décadas, também de religiosidade estava intimamente ligada à existência desses rios. Atividades como a prática da navegação, pescaria, o próprio uso da água nas atividades domésticas como lavagem de roupa, banhos, uso das praias faziam parte do dia a dia dos moradores.



Igreja Paranã 1962 - arquivo de André Araujo e Geraldina Oliveira.

Fonte: <http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/to/parana>



Igreja São João Batista

Fonte: <http://encantosdocerrado.com.br/n/5796>

A cerimônia dos festejos de São João Batista e do Divino Espírito Santo ganhou novo brilho com a incorporação da procissão fluvial às comemorações. O circuito completo das celebrações acontece entre os dias 22 de maio a 26 de junho. A procissão fluvial começou a fazer parte das celebrações a partir da década de 1980. Segundo a tradição oral, a iniciativa se deu devido às grandes enchentes que ocorriam na cidade.

Essa nova prática religiosa pode estar relacionada ao grande festejo do Círio de Nazaré, que acontece em Belém do Pará. Como se sabe, o contato dos moradores do Alto Tocantins com Belém foi uma constante desde o século XVIII, pois o rio era o caminho natural que ligava os povoados ribeirinhos do sertão com a cidade de Belém para intercâmbio comercial. O que se pode constatar é que a festa, em mais de 30 edições passou a fazer parte do cotidiano dos moradores e atrair pessoas de outras localidades, ou pela fé ou pela diversão.



Procissão Fluvial (2001) – Paranã (Secretaria de Cultura, Dra. Ilma Bezerra e Comissão)

Fonte: <http://saojoabatistaparana.blogspot.com.br/2011/06/33-procissao-fluvial.html>



Procissão Fluvial – Rios Palma e Paranã

Fonte: <http://saojoabatistaparana.blogspot.com.br/2011/06/33>



Procissão Fluvial Paranã (2010) – Foto Thiago Sa

Fonte: www.encantosdocerrado.com.br

Outra localidade tocantinense que nas últimas décadas, como Paranã, passou a incorporar a procissão fluvial em sua festa religiosa foi a cidade de Pedro Afonso, também localizada na confluência de dois rios, o Sono e o Tocantins. Segundo relato dos moradores a ideia da procissão fluvial surgiu como forma de fortalecimento das honras a São Pedro, apóstolo das águas e padroeiro da cidade. A diferença entre a procissão fluvial de Pedro Afonso comparada com a de Paranã é que enquanto nesta cidade a procissão ocorre em canoas, em Pedro Afonso ela acontece em uma balsa.

Assim, a cidade de Paranã, localizada na região central do país, nas margens de dois afluentes do rio Tocantins, está, portanto, entre o sertão e o litoral, num tipo de fronteira, que não se reduz nem se resume à fronteira geográfica. Ela é também fronteira de diferentes culturas, de visões de mundo e de múltiplas etnias.

O estudo evidenciou que embora a maioria das cidades que surgiram nessa região e período tenha sua importância ligada à mineração, esta não foi a condição de Paranã, pois o seu desenvolvimento se deveu muito mais ao comércio com Belém (PA) pelo rio Tocantins por meio da navegação fluvial. Esta atividade econômica a impulsionou num intercâmbio com as cidades ribeirinhas mais ao norte e com a capital Belém do Pará, em rústicos barcos a remo com capacidade de transporte

de 15 toneladas e movidos pela força humana. Como observaram Borges e Palacin (s/d), “os célebres ‘botes’ – embarcações de 24 remos – saiam todos os anos, no dia de São José ou da Páscoa, aproveitando o fim da época das chuvas. Na cidade, centro comercial para toda a região do nordeste, haveria então 66 casas comerciais”. Juntamente com esse comércio, os moradores de Paranã se dedicavam também à criação de gado e à agricultura de subsistência.

Quanto ao seu patrimônio material e imaterial, a cidade ainda preserva um conjunto arquitetônico com algumas edificações que foram construídas no século XIX, carecendo este, como em outras localidades ribeirinhas da região, de ações voltadas para a preservação. Entretanto, percebe-se que na atualidade, para a população local e mesmo para moradores da região circunvizinha, são os festejos do Divino Espírito Santo e de São João Batista os que lhes proporcionam maior dinamismo e realização enquanto paranãenses.



Vista do conjunto arquitetônico da cidade de Paranã por ocasião da procissão fluvial (2010).

Fonte: www.encantosdocerrado.com.br

Referências

- AUDRIN, J. Maria. **Os Sertanejos Que Eu Conheci**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.
- AZEVEDO, Francisco F. dos Santos. (org.) **Anuario Historico, Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz, para 1910**. Uberaba/Araguary/Goyaz: Ed. Proprietária, 1910.
- BERTRAN, Paulo. **Uma Introdução à História do Centro-Oeste do Brasil**. Brasília: CODEPLAN, 1988.
- BORGES, Ana Maria; PALACIN, Luis. **Patrimônio Histórico de Goiás**. Goiânia: Jaime Câmara, s.d.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.
- DOLES, Dalísia E. Martins. **As Comunicações Fluviais pelo Tocantins e Araguaia no Século XIX**. Goiânia: Oriente, 1973.
- LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Os Historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia Brasileira**. Paralelo 15, 1999.
- OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Portos do Sertão: cidades ribeirinhas do Rio Tocantins**. Goiânia: PUC, 2010.
- RODRIGUES, Lysias A. **Roteiro do Tocantins**. 4ª. ed. Palmas: Ed. Alexandre Acampora, 2001.